

Povos Indígenas

Fonte: *formal da Tar*

Data: *05.09.89*

190
A destruição na BR-364 já atinge os índios

Ambiente

A construção de uma estrada na rodovia que liga Rondônia ao Acre desmata a floresta amazônica e agora contamina uma reserva indígena

A BR-364, rodovia que liga Rondônia ao Acre, é motivo de mais uma polêmica entre ambientalistas e devastadores de uma valiosa parte da floresta amazônica. Os protestos contra empresas construtoras que projetam desmatamentos na área estão agora reforçados por antropólogos, que não concordam com o avanço da Construtora Mendes Jr. — que ganhou a concorrência para a construção de um trecho da rodovia — numa área que pertence à reserva indígena dos Kaxarari.

O instituto de Antropologia e Meio Ambiente (Iama) divulgou comunicado informando que o Decreto Presidencial nº 93073/86 estabelece que as nascentes do Igarapé Azul, onde a Mendes Jr. começou a extração de brita (pedra quebrada), pertencem aos kaxarari, "mas que na demarcação física da área ocorreu um erro e este trecho foi deixado fora". Os índios ocuparam a área e exigiram a retirada da construtora, que propôs continuar a extração — enquanto não se solucionar a questão — e doar à comunidade um caminhão, uma estrada ligando suas aldeias até um vilarejo próximo e uma pista de aterrissagem (para aviões da Funai atenderem casos de emergência). Segundo o Iama, a empresa só cumpriu uma parte das promessas feitas: a construção de um terço da estrada.

Agora, o Iamá pretende acionar a Mendes Jr. por perdas e danos aos índios; pela contaminação das águas; destruição da floresta e pela perda de seringais e castanhais; acionar a empresa, ainda, por crime ecológico pela destruição de florestas; verificar se a construtora possui Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (Rima); e investigar a **causa mortis** de três crianças e dois adultos, que, os índios alegam, ocorreram por causa da contaminação das águas que foram represadas, e acionar os responsáveis.

Prejuízo

Criticada por órgãos financeiros internacionais e abandonada pelo governo federal, a estrada provocará um grande rombo financeiro no Tesouro nacional — US\$ 24 milhões — porque as obras já iniciadas para sua abertura serão desmanchadas pelas chuvas do verão amazônico. Me-

tade disso já desapareceu com a enxurrada das águas que caíram entre outubro e abril (2.200 ml por metro quadrado). E o prazo para início das obras para conservar o que restou está esgotado, sem que nada tenha sido feito, sem dinheiro para reativar os canteiros de obras e à espera de NCz\$ 60 milhões atrasados pelo governo. Com isso, as empreiteiras nem cogitam o reinício dos serviços.

O governador do Acre, Flaviano Melo, disse que "tudo isso é um grande absurdo", e pretende convencer o presidente José Sarney do seu plano de proteção ao meio ambiente, pedir mais dinheiro para estender o asfalto até a divisa com o Peru e expor os riscos que corre Rio Branco, a capital: ficar isolada do resto do País diante da ameaça de nova interrupção da BR-364 com as chuvas do verão.

Essa rodovia é mais um dos mistérios que habitam a floresta amazônica. A imagem do desespero, traçado por pessoas simples e supersticiosas que vivem nos vilarejos surgidos ao longo da estrada com a chegada das primeiras máquinas pesadas, em 1985, parece ser a única explicação para a situação em que se encontra a BR-364 desde que o homem branco rasgou as primeiras picadas na floresta.

Embora com o apoio dos seringueiros, dos pecuaristas, dos políticos e da Igreja, constituindo-se assim numa das raras unanimidades de um Estado marcado pela violência e as disputas, a rodovia não consegue desenvolver-se. A liberação dos recursos foi suspensa algumas vezes pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) — que patrocina 40% dos custos por causa de denúncias de ecologistas. Atualmente, apesar da normalização do financiamento, as obras estão paralisadas pela terceira vez em cinco anos.

Para assegurar um tráfego precário no verão, as sete construtoras contratadas — C. R. Almeida, Ebec, Mendes Jr., Ceesa, Tratec, CCO e o 5º Batalhão de Engenharia e Construção — alegam precisar de dinheiro. Há necessidade de se cascalhar os 283 quilômetros entre Rio Branco e o rio Madeira, na divisa com Rondônia, construir drenos e reforçar o asfalto onde ele existe.



Na rodovia BR-364, abandono e prejuízo com as chuvas.